



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

RIO DE JANEIRO, 17 DE JULHO DE 1958.
EXPOSIÇÃO AS FORÇAS ARMADAS, NO
PALÁCIO ITAMARATI.

Encontra-se o Brasil empenhado, como todos o 769
sabeis, em uma ação internacional, que reputo da

maior relevância e à qual tenho dedicado o melhor de meus esforços. Os primeiros resultados dessa cruzada constituem prenúncios encorajadores e não há negar que conseguimos colocar na ordem do dia dos magnos problemas internacionais o debate sobre a revisão da política continental nos quadros de uma Operação Pan-Americana.

770

Julguei agora de meu dever congregar-vos, como ilustres representantes das Forças Armadas nacionais, para proporcionar-vos um conhecimento mais direto e mais preciso a respeito da gênese e finalidades dessa iniciativa. As Forças Armadas constituem o cimento da unidade nacional e o sólido baluarte da nossa segurança. Em seus quadros de terra, mar e ar, em seus oficiais e soldados, vemos representadas tôdas as classes que compõem a nossa nacionalidade. Seu esforço, nobre e diuturno, não se limita aos objetivos próprios da defesa do país. Dirige-se, também, ao estudo dos nossos grandes problemas e à valorização do homem brasileiro, mercê de uma ação formadora e educativa que se difunde proveitosamente por todo o nosso território. Eis porque me parece oportuno dar-vos conhecimento pleno da obra continental que estamos encetando, no sentido de fazer confluírem as energias da América para uma revitalização do pan-americanismo, em face das exigências da presente conjuntura mundial.

771

Neste conturbado após-guerra, encontra-se o mundo sob o signo do gigantesco conflito, ideológico, político e econômico travado entre as nações democráticas, defensoras dos princípios de liberdade e respeito à pessoa humana, e as oligarquias que se servem de uma concepção pseudocientífica da vida em sociedade para subjugar gerações inteiras a uma organização coletivista.

772

O estudo das relações internacionais, nesta fase da história, nos mostra que, se por várias vezes esteve

iminente o risco de uma conflagração armada geral, sempre puderam os focos de propagação ser localizados, graças a uma ação firme e paciente, que, sem sacrifício de princípios inalienáveis, jamais se tem recusado aos esforços de negociação.

Parece, assim, afastado, de imediato, o perigo da guerra total, não só graças à tenacidade das democracias unidas em uma organização defensiva e coesas em sua ação política em prol da paz, mas também pela convicção geral de que, duma contenda onde se empreguem todos os formidáveis recursos da técnica moderna, só resultariam vitórias de Pirro, a unir no sofrimento e na destruição vencidos e vencedores.

773

Sem que, por um momento sequer, possam ser abandonados os aspectos propriamente estratégicos da situação atual, também se voltam agora as atenções para uma ameaça mais sutil, porque menos espetacular e mais difusa. Refiro-me à tomada de posições com o aproveitamento das fraquezas estruturais, quer políticas, quer econômicas, que se notam em certos pontos sensíveis de atrito entre as forças antagônicas. A técnica da insídia e da penetração lenta, os ardis da conquista das opiniões públicas, a manipulação hábil das legítimas aspirações nacionalistas, o cultivo dos germes de insatisfação e revolta, a cuidadosa sondagem dos pontos vulneráveis, o aproveitamento dos ódios raciais e de classe não constituem novidade no arsenal das forças desagregadoras. Tornam-se, agora, porém, atividades de eleição, que cada vez mais tendem a substituir a agressão direta.

774

É velha a lição da história. Se Tróia — para usarmos do exemplo clássico — resistiu impávida a dez anos de cerco, verdade é que se entregou num átimo por ter aceito e recebido dentro de seus muros o cavalo e o que trazia em seu bojo. A imagem vetusta e tão usada vale ainda hoje em dia, convidando à

775

reflexão. Os sistemas defensivos mais perfeitos não conseguirão proteger fortalezas interiormente solapadas. A unidade de ação política, em conjugação com o mais cuidadoso preparo da defesa militar, constituem fatores imprescindíveis, mas não bastam para eliminar o perigo.

776

Sabemos que a antiga tática vem sendo usada repetidamente, surtindo efeitos por vêzes maiores que a ofensiva dos exércitos. Em nossos dias, temos visto, como precursor do ataque frontal, o trabalho sôbre os espíritos, com a criação de estados de ânimo coletivos que servem às finalidades do agressor externo e quebrantam as energias indispensáveis à defesa. A estratégia ideológica, a elaboração e execução de grandes planos de campanha, em que a propaganda clandestina e aberta, a persuasão individual e a obra de proselitismo são empregadas sistematicamente, demonstraram sua eficácia e muita vez alcançaram êxito integral. Nas comunidades modernas, o isolamento cedeu lugar a intercâmbios intensos e multiformes com o mundo exterior, tornando-se permeáveis as barreiras entre os povos. Se isso veio multiplicar as possibilidades de compreensão entre os homens, trouxe igualmente um processo de nivelamento psicológico das coletividades diversas, uma tendência à criação de um denominador comum das aspirações sociais. Na era da técnica, a preocupação com o bem-estar social, a procura de formas de organização menos imperfeitas, são constantes que aparecem em cada povo. Daí a facilidade da introdução de ideologias e da sua utilização com propósitos bem definidos de enfraquecimento dos organismos nacionais. Aprendemos na última guerra mundial que, graças a tais processos de infiltração, pode um país estar vencido antes de iniciar a luta. Não preciso insistir convosco neste ponto, versados que sois na conceituação ampla da segurança nacional.

Para que logre resistir à infiltração lenta e persistente que o conduziria à impotência final, deve o Ocidente apresentar-se como um conjunto de nações sólidamente estruturadas, que assentem em firmes bases de sadia organização política e próspera atividade econômica.

777

Não é este, infelizmente, o quadro que se nos de-
fronta. Não que falem os meios. A ciência colocou
ao alcance do homem, em poucas décadas, recursos
incontáveis e poderosos. Em aceleração geométrica-
mente progressiva, a tecnologia moderna, em todos os
campos, veio possibilitar realizações nunca dantes
sonhadas. Os meios de produção em massa tornaram
possível uma vida mais confortável, mais liberta das
servidões que nos impunha a natureza. Os sistemas
de transmissão de idéias e imagens tornam fácil a di-
fusão dos conhecimentos e aprazível a utilização do
lazer. Os progressos da química e da medicina são
hoje de ordem a afastar do homem um sem-número
de males que o afligiam. As fontes de energia podem
ser mais bem aproveitadas e novas fontes foram postas
à nossa disposição. Em teoria, está o homem apare-
lhado para viver mais e melhor.

778

Na prática, contudo, os avanços tecnológicos não
aproveitam igualmente a tódia a humanidade. Antes,
acentuam-se de modo alarmante os abismos que se-
param os povos mais providos daqueles mais carece-
dores de riquezas e recursos técnicos. Os que levam a
dianteira, cada vez mais se distanciam dos que não che-
garam ainda a mobilizar os seus recursos naturais e seu
potencial econômico e demográfico. Formam-se assim,
progressivamente, no mundo, comunidades cujos pro-
blemas econômicos e sociais se resolveram harmoniosa-
mente, ao lado de populações impedidas de satisfazer
suas necessidades mais vitais, incapazes de dar combate

779

eficiente à miséria e à doença. Nações economicamente poderosas e nações subdesenvolvidas convivem no globo. Trata-se de um fenômeno que decorre de causas múltiplas e complexas, que demandam análise cuidadosa. Quero apenas deixar aqui assinalado um aspecto dos mais importantes e que muito deve preocupar-nos: para os países do Ocidente, a solução do problema do subdesenvolvimento interessa vitalmente à segurança coletiva.

780

Em face dessas considerações, cabe situar certos fatos recentes, que vieram pôr à mostra um elo vulnerável na cadeia ocidental e patentearam a necessidade de que algo se faça para reforçar a nossa capacidade de resistência. Tais fatos tiveram lugar em nosso próprio continente. Constituíram a eclosão de um latente estado de coisas. Foram sintomas, signos aparentes de uma situação larvada. Ninguém ignora as manifestações agressivas de que foi alvo um estadista do nosso Hemisfério em visita a países sul-americanos amigos. Ninguém ignora que êsses incidentes foram provocados e canalizados por uma minoria interessada em fomentar discórdias na família continental. Ninguém de boa-fé lhes poderá atribuir a importância de verdadeiras e espontâneas manifestações populares dirigidas contra uma nação na pessoa de um dos seus mais altos representantes. Que ninguém, no entanto, pretenda fechar os olhos à realidade e considere possível continuarmos serenos o nosso caminho, sem atentar para sinais precursores de tanta monta. Seria erro profundo, de conseqüências certas e funestas. Se aos agitadores foi dado deslustrarem as cerimônias de acolhida ao ilustre visitante, se conseguiram achar quem lhes desse ouvidos e apoio, certo é que a má semente começa a encontrar terreno propício. Nem isso escapou à clarividência daquele estadista, que, regressando ao seu país, deu alta demonstração do seu obje-

tivismo e espírito público, não se deixando dominar por compreensível indignação, mas, ao contrário, ressaltando que cumpria interpretar de maneira construtiva a desagradável experiência. Coube-lhe, dêse modo, a primazia no procurar ensinamentos face ao acontecido. Confortadora foi a reação de todos os setores responsáveis nos países em foco e em todo o continente. A agressão injustificada mereceu geral repulsa e não se fizeram esperar os desagravos. Não se desfez, contudo, uma penosa impressão de estremecimento nas relações interamericanas.

A reflexão sobre essas ocorrências, que repercutiram desfavoravelmente na opinião pública mundial, conduziu-me à convicção de que cumpria às nações americanas algo mais que dissipar um simples malentendido. Pareceu-me necessário um esforço no sentido de preservarmos e reforçarmos a unidade do continente. Impunha-se para tanto, a meu ver, nada menos que um reexame das bases em que assentam as relações entre os países desta região, um estudo acurado da fisiologia do sistema pan-americano.

781

Levado por essas considerações e de conformidade com os dispositivos constitucionais que me atribuem a direção da política externa do país, tomei a iniciativa de dirigir ao Presidente dos Estados Unidos da América a carta de todos conhecida e na qual se contém a idéia de um exame de consciência coletivo sobre o que se tem feito e o que caberia fazer em prol do pan-americanismo, com vistas ao fortalecimento da unidade continental. No discurso que pronunciei em 20 de junho, perante os Embaixadores de tôdas as Repúblicas americanas acreditados junto ao meu Governo, procurei definir melhor as idéias que inspiraram essa missiva.

782

Ao assumir essa posição, ao lançar êsse brado de alarma, não teve o Brasil qualquer pretensão de

783

assumir liderança no continente. Animou-nos tão-somente a idéia de dar uma expressão atuante a um sentimento que pertence a tóda a América.

784

Pareceu-nos também que o Brasil tinha, como tôdas e cada uma das nações irmãs, o direito de exprimir sua opinião sôbre o esforço comum em que estamos empenhados. Nosso país já atingiu um grau de maturidade política e de importância demográfica, econômica e cultural que lhe permite assumir, no concêrto das nações, o papel afirmativo que lhe compete. As determinantes geográficas, a nossa formação histórica, os imperativos econômicos e as tradições políticas, religiosas e culturais que nos cumpre resguardar, os próprios interesses da nossa segurança delimitam o nosso campo de ação na esfera internacional e indicam o caminho a seguir. Pertencemos à grande comunidade americana e estamos ligados aos demais países do Hemisfério por laços indestrutíveis. Na luta comum pela defesa do Ocidente, reconhecemos aos Estados Unidos a pesada incumbência que lhe foi confiada pelo destino e que essa grande nação tomou a si com plena consciência dos altos valores morais da nossa civilização. Sempre estivemos dispostos — como o estão os outros países do continente — a trazer nossa colaboração à grande tarefa de preservar a paz e a segurança internacionais. Sentimo-nos integrados em uma só atitude fundamental face aos perigos com que se defronta a humanidade nesta hora. Por isso mesmo, e porque está em jôgo um patrimônio comum de civilização, não desejamos ser simples elementos secundários. Nossa contribuição só terá valor na medida em que refletir o nosso desejo de analisar com franqueza os grandes problemas de interesse comum, de manifestar livremente os nossos pontos-de-vista, de buscar de modo ativo as soluções mais adequadas às exigências de cada momento. Queremos levar a cabo um trabalho em conjunto, e não permanecer indefinidamente confinados em passiva adesão.

Desejo, porém, reafirmar que nossa iniciativa só terá significado e ganhará momento, só conseguirá dar os frutos almejados, se compreendida como uma resultante da opinião unânime do continente. Em minha mensagem ao Presidente norte-americano resaltei que não tinha planos rígidos para apresentar. Meu propósito era chamar atenção para uma atmosfera de insatisfação e propiciar um amplo debate sobre o fortalecimento das relações interamericanas.

785

Esse propósito deve considerar-se alcançado, em vista das reações encorajadoras de numerosos países que compõem a família americana. Posso hoje afirmar, sem sombra de dúvida, que estamos todos convictos da necessidade e da urgência de um detido exame da conjuntura pan-americana. Mais ainda, encontramos-nos de acordo sobre um ponto essencial: a obra de revisão que vamos empreender deve necessariamente dirigir-se a um objetivo central da mais alta importância, qual seja o combate ao subdesenvolvimento econômico que assola a América Latina. Consideramos ser esse o cerne da questão. Os países latino-americanos têm feito tudo a seu alcance para cooperar na tarefa de defesa do Ocidente, mas não estarão em condições de atuar com a necessária eficácia enquanto frações consideráveis de suas populações não forem libertadas do espectro da fome e da miséria. O problema não é de caridade ou de filantropia. Não se trata de mendigarmos precários auxílios, tendentes ao alívio momentâneo de situações insuportáveis. Trata-se de encarar de frente o problema do subdesenvolvimento em todos os seus aspectos, de caracterizá-lo perfeitamente, de apontar-lhe as causas e de dar-lhe remédio graças a providências concretas, cuidadosamente assentadas de comum acordo. Esse esforço deverá processar-se num alto plano de cooperação continental, não devendo confundir-se com as nego-

786

ciações bilaterais ligadas aos interesses específicos de cada país.

787

É preciso que nos compenetremos da idéia de que a luta contra o subdesenvolvimento na América Latina importa em promover a segurança do continente e, nessas condições, deve inserir-se no programa estratégico da defesa ocidental. Algo de concreto e positivo deve ser feito para minorar os sofrimentos de milhões de homens, para elevar o nível de vida de nossas populações e facultar ao maior número o acesso a uma existência material condigna, sem a qual ninguém encontrará alento para dedicar-se de corpo e alma às grandes causas morais e espirituais. O necessitado e o abandonado não podem resignar-se à injustiça de sua sorte, nem ligar-se, fraternalmente, ao que vive na fartura. As excessivas desigualdades econômicas são geradoras de ressentimento e inquietação. Incontentadas, as massas procuram explicação para seus males em raciocínios simplistas e tornam-se receptivas às propagandas ilusórias. A existência do subdesenvolvimento equivale à "própria presença do adversário em nossa casa". Não podemos por mais tempo permitir que se instale êsse inimigo, sob pena de conseqüências irremediáveis.

788

No presente estágio das consultas entre os países americanos, seria prematuro fazermos prognósticos quanto à maneira por que se vai processar a Operação Pan-Americana. Estamos concordes em substância, mas, por isso mesmo que visamos a resultados concretos e duradouros, não desejamos reunir conchaves internacionais sem preparação adequada. A idéia está lançada, e por certo se destina a frutificar. Gradativamente, graças aos contatos constantes entre os países do Hemisfério, pela via diplomática e pela troca de pontos-de-vista entre os homens de Estado, vai sendo preparado o terreno e em breve poderemos chegar a uma conclusão sôbre os melhores caminhos

e os melhores métodos para alcançarmos o objetivo comum.

No Brasil, os diplomatas, os técnicos e os estudiosos já se dedicam ao grande problema, em todos os seus aspectos, para que possamos, em tempo oportuno, exprimir pontos-de-vista e apresentar sugestões. No desenvolvimento dos temas ligados à Operação Pan-Americana, como em todos os assuntos que interessem à segurança nacional, disponho da valiosa contribuição das Forças Armadas, através de seus órgãos especializados. 789

Antes de terminar, pretendo, em termos de sincera definição, fixar o que julgo deva ser a política do Brasil em relação aos Estados Unidos da América. 790

Impõe-se, primeiramente, manter indestrutíveis, com a grande e poderosa República norte-americana, as relações que já vieram a constituir um patrimônio comum que não é justo se dilapide ao sabor de paixões ideológicas, de intrigas, de maquinações de toda ordem. Nossas ligações com os Estados Unidos não são apenas ditadas por interesses de ordem material. Resultam de afinidades mais profundas, e, nesta hora principalmente, da comunhão na defesa dos mesmos princípios de liberdade e respeito às prerrogativas da pessoa humana e do direito de escolha e conservação, por parte de cada povo, do estilo de vida que desejar ou que lhe fôr mais natural. Aliados antigos, quer em conferências diplomáticas, quer nos riscos e sofrimentos da guerra, não vemos motivos para nos afastarmos de um país que arca com as maiores e mais graves responsabilidades na direção política do mundo. 791

Nossa união no plano espiritual e político é reforçada pelos laços de natureza econômica. Temos, nos Estados Unidos, o nosso maior cliente, o escoadouro natural para a boa parte de nossa exportação, o grande mercado para os nossos produtos básicos. O vínculo 792

não é de subordinação, mas de interdependência. Oscilações acentuadas na procura ou nos preços dos nossos principais produtos no mercado norte-americano têm reflexo imediato e desastroso sobre a economia brasileira. Os Estados Unidos, por seu lado, não podem prescindir daqueles produtos, como o demonstrou a experiência do último conflito mundial, quando se tornou necessário um planejamento de emergência para assegurar aos nossos aliados o prosseguimento e intensificação das exportações brasileiras.

793 Além dessas asserções, acentuo também que, no próprio benefício dessa preciosa ligação de estima e interesse mútuo, é de nosso dever não hesitar em exprimirmos aos Estados Unidos as nossas mais sinceras reações, tôdas as vêzes que o ensejo se apresentar. Por isso mesmo que somos amigos leais, o respeito à amizade e também a nós mesmos, nos obriga a apresentar as razões de nosso desacôrdo sempre que houver desacôrdo; ou de nosso aplauso à conduta norte-americana na causa que é igualmente nossa.

794 Há uma solidão para os países pobres de economia deteriorada, em que o subdesenvolvimento constitui chaga permanentemente aberta; mas há também uma solidão para as nações isoladas pelo seu próprio poder, pelo excesso de seus bens materiais, isoladas na sua visão unilateral dos problemas. A primeira obrigação do amigo é a de transmitir verdades. É falar a linguagem capaz de remediar os males e prejuízos decorrentes da solidão. Uma crescente amizade exige um grau sempre maior de independência, de franqueza. Não há amizade sem diálogo. Eis o que se impõe estabelecer. Não queremos marchar na retaguarda encaracterística em matéria de política internacional. Dizendo isto, repito o que, aliás, já afirmei em declarações feitas e discursos proferidos recentemente. Não pretendo que o Brasil assumia posição descabida, pretensiosa ou excessiva em relação às suas reais

possibilidades, mas que use de um direito próprio aos países soberanos — o de revelar o seu pensamento, o de fazer ouvir a sua opinião. Se a nossa solidariedade tem um valor positivo, a nossa opinião deverá ter forçosamente êsse mesmo valor. Podemos divergir de processos, considerar que uma certa política não oferece a segurança operacional necessária, sem que isso quebre a solidariedade ao amigo. Nenhum dever é maior que o da fidelidade ao nosso país, ao nosso povo, aos nossos interesses vitais. Antes de mais nada, temos que velar pela nossa segurança. Êste é um princípio sagrado. Se a política de nossos aliados importar em prejuízo à nossa segurança, é de nosso dever discordar e pôr em prática o que se apresentar como mais conveniente.

795

Não necessitamos agitar palavras proclamando continuamente a nossa independência, mas havemos de agir sempre como país independente que desejamos ser.

796

Já tinha sido redigida esta exposição em que procurei resumir de forma sumária o espírito da Operação Pan-Americana, quando se verificaram os acontecimentos do Iraque, pondo novamente em perigo a segurança dos povos. Só Deus poderá dizer se o temor de uma destruição parcial do mundo será capaz de conter as duas forças que se ameaçam e se observam atentamente.

797

À luz do que está ocorrendo neste momento — a simples perspectiva de passarmos a considerar que de uma hora para outra a guerra fria poderá transformar-se em guerra efetiva — com o emprêgo de todo potencial técnico aplicado à destruição, êste momento, enfim, extremamente crítico, em que há poucas horas acabamos de penetrar, valoriza a idéia da Operação Pan-Americana. Somos talvez uma das poucas áreas do mundo em que se pode organizar uma resistência ativa à desordem que está procurando envolver a humanidade. Somos quase que a única região do mundo

em que ainda é cabível pensar em termos de precaução, de prudência e de defesa. É que a conjuntura se tornou inexoravelmente severa e nada mais resta à grande maioria da humanidade senão esperar que mais uma vez a violência seja detida, que a própria hesitação, diante de uma tragédia de consequências imprevisíveis, impeça o deflagrar de uma nova tormenta, que não é certa mas pode se verificar, pois elementos vitais aos países democráticos europeus estão ameaçados. Não nos iludamos, porém, com o muro de proteção que a distância coloca entre nós e os acontecimentos gravíssimos que tanto preocupam os homens em quem a razão e os sentimentos de equilíbrio continuam predominando sobre os instintos depredatórios. Todos sabemos que o mundo se intercomunica hoje com uma rapidez fulminante; que as zonas de conflito se aproximam cada vez mais das zonas supostamente protegidas pela distância. Sabeis perfeitamente que se o momento não é de alarma é pelo menos de alerta. Nunca foi tão gravemente de alerta. Temos — muito embora sem perder a esperança de que mais uma vez se encontrará forma de fugir à catástrofe — de agir dentro de um rigoroso espírito de prudência e decisão.

798 Nossa posição é de expectativa serena — mas temos de convir que estamos vivendo num mundo interdependente, como também temos princípios e sentimentos em jogo e na dependência da decisão de uma luta que infelizmente pode travar-se de forma violenta e que já se está processando sob a forma denominada de guerra fria. Estamos numa posição nítida, embora extremamente delicada. Somos um país de formação cristã, e queremos viver livres de tutelas, no regime que escolhemos, que é o da liberdade e da democracia. Somos, outrossim, um país americano e isto tem implicações em que é preciso pensar com atenção conscienciosa.

O que vos quero dizer neste momento de alerta e que amanhã poderá se modificar sensivelmente — apresentando novas esperanças — é que se impõe um estado de espírito novo ao nosso país, uma atenção mais acurada para os problemas internacionais, certos de que estes repercutirão em nós de maneira fatal e decisiva. Não estamos sòzinhos no mundo, vivemos dentro de um sistema, seremos de uma forma ou de outra comprometidos. No discurso que pronunciei em 20 de junho reclamei maior audiência para a opinião brasileira na elaboração de uma política internacional que acabará nos comprometendo. Não podemos e não queremos, disse eu, então, continuar como componentes de um fundo coral. Temos o que perder, temos o que preservar, temos medidas acautelatórias e defensivas a tomar. Nação de mais de sessenta milhões de habitantes, em pleno desenvolvimento e, por isso mesmo, cheia de problemas, é nosso direito e nosso dever seguir e estar na plena confiança do que se pensa e do que vai ser feito. Nada seria tão pouco à altura das nossas responsabilidades como sermos surpreendidos ou postos em face de fatos consumados.

Falando aos ilustres representantes das nossas Fôrças Armadas não preciso ressaltar que a hora suscita um trabalho mais particularmente intenso por parte dos que são os responsáveis diretos pela segurança do país. Conheço a capacidade de trabalho, o senso de responsabilidade, o valor profissional dos militares brasileiros e sei que neste instante a preocupação da conjuntura mundial é que está inspirando os trabalhos dos nossos estados-maiores.

Nunca se tornou tão necessária a unidade de pensamento, de sentimento e de ação do povo brasileiro. Em face da gravidade da hora, divergências e dissensões privatistas perderam qualquer significado relevante e os que quiserem aprofundar crises internas,

terminarão monologando. O problema da segurança do povo brasileiro é, mais do que nunca, prioritário. O nosso dever indeclinável é o de não apenas aprofundar todos os conhecimentos relativos ao que se está verificando no mundo, notadamente no caso agudo do Oriente Médio, como também estudar e prever tôdas as repercussões possíveis e de qualquer espécie na economia, nas importações de produtos essenciais, tudo enfim o que se enquadra no capítulo da segurança.

802 A Operação Pan-Americana é mais do que uma palavra oportuna e certa, é um caminho. A tese de que a luta contra o subdesenvolvimento é uma medida estratégica indispensável, de capital importância, tornou-se clara, evidente, inegável. Não há outro caminho a seguir senão a união continental para fortificação desta parte do mundo livre. Não podem as forças da democracia se apresentarem ao mundo para propor uma fórmula seja lá qual fôr, quando no reduto mais importante da resistência democrática se apresentam índices tão impressionantes de subdesenvolvimento. Nossa tese tornou-se indiscutível, mais atual do que nunca, e será temerário não a transformar numa política segura e certa.

803 Saberemos, Deus querendo, extrair ensinamentos preciosos dêste novo momento de tensão que a humanidade atravessa. Era isto o que achei que devia acrescentar à minha exposição